

CLARA E HELENA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS ROMANCES DE MACHADO DE ASSIS E LIMA BARRETO

CRISTINA NAPP DOS SANTOS¹; ANDREA CZARNOBAY PERROT²

¹Universidade Federal de Pelotas – cristinanapps@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andrea.perrot.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O romance Clara dos Anjos, de Lima Barreto, traz a história da personagem que o intitula, uma adolescente mulata, pobre e ingênua que é seduzida por um malandro de origem branca. Embora tenha sido concluído em 1922, ano da Semana da Arte Moderna, a personagem carrega fortes características do Romantismo. Em função dessas características, Clara dos Anjos pode ser comparada à personagem Helena do romance homônimo de Machado de Assis, já que ambas são descritas como personagens dóceis, bonitas e afáveis. Assim, este trabalho pretende discutir como essas personagens se aproximam e se distanciam, salientando sobretudo, a disparidade existente entre mulheres brancas e mulatas retratadas nos dois romances.

2. METODOLOGIA

A fim de se estabelecer essa comparação, confrontou-se as personagens femininas acima mencionadas. Inclui-se ainda, na discussão, aspectos de cunho sociológico (MACHADO, 2016), uma análise social do romance Helena feita por Schwarz (2012) e apontamentos referentes a Clara dos Anjos feitos por Schwarcz e Galdino (2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra Clara dos Anjos, a personagem Clara, filha do carteiro Joaquim dos Anjos e da dona de casa Engrácia, é uma jovem mulata terna, moradora do subúrbio carioca, "tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho (...)" (BARRETO, 2012, p. 72). Tal desvelo faz com que Clara não tenha grande conhecimento de mundo, tornando-a uma alienada em relação à sua situação social. Assim, a personagem é facilmente atraída por um conquistador da redondeza, Cassi Jones, jovem branco de família superior que a abandona após engravidá-la.

Mesmo sendo mulata, Clara dos Anjos pouco lembra o perfil cristalizado no imaginário popular. De acordo com a professora Adeilma Machado (2016), a figura da mulata era ora "vista como exótica, bonita, atraente e atrativa, dotada das artimanhas culinárias" ora como "libertina, amoral e imoral (...)". Se a mulata se restringe à ideia de carne, sobra pouco espaço para sentimentalismo, porém, longe de ser voluptuosa, Clara é descrita como romântica e sonhadora:

Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e enfumagara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares. (BARRETO, 2012, p. 128).

Além disso, tinha pouco contato com a vida externa ao núcleo familiar, o que fazia com que a jovem nutrisse grande curiosidade por outras atividades sociais. A única saída que Clara via para se tornar ativa nessas atividades era o casamento, o que a tornava ainda mais cheia de expectativas em relação ao matrimônio.

Essa personalidade inocente, sonhadora e ingênua que vivia para servir aos outros é típica da representação feminina na prosa romântica, na qual uma das formas de ilustrar a mulher era retratando-a como um ser puro, capaz de enobrecer o outro através do amor (CÂNDIDO, CASTELLO, 1966, p. 244).

Essas características estão presentes também na personagem Helena do romance homônimo de Machado de Assis. Nessa obra, de 1876, temos a história de uma jovem de origem humilde que ganha uma herança de seu suposto pai, Conselheiro, quando ele morre. Em seu testamento, além de deixar parte de sua fortuna para Helena, o Conselheiro ainda pede que a irmã e o filho, Estácio, acolham a jovem como membro da família. Assim, Helena se muda para a nova casa e logo se mostra dócil e solícita com todos, o que faz com que ela seja bem aceita na nova família. No entanto, Estácio descobre que Helena não é filha legítima do Conselheiro, mas escolhe deixá-la na situação de herdeira. Helena, porém, temendo ser considerada desonesta perante a sociedade, opta pela morte.

Ao longo do romance tomamos conhecimento das habilidades atribuídas a Helena, muitas delas relacionadas aos afazeres domésticos, assim como em Clara dos Anjos. No entanto, Helena ainda teve acesso a uma educação negada a Clara, pois:

Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. (ASSIS, p. 24).

Enquanto isso, o único diferencial na educação de Clara foi a tentativa do pai em ensinar-lhe "os rudimentos da arte musical e a caligrafia respectiva." (BARRETO, 2012, p.217). Mesmo tendo crescido em um ambiente fértil para os aprendizados musicais, Clara não aprendera instrumento algum, visto que apenas o piano era apropriado às moças castas. O que impedia Clara de aprender a tocar esse instrumento era a situação social e financeira da família, conforme mostra o trecho:

Não lhe ensinara um instrumento, porque só queria piano. Flauta não era próprio, para uma moça; violino era agourento, e o violão era desmoralizado e desmoralizava. Os outros que o tocassem, sem música ou com ela; sua filha, não. Só piano, mas não tinha posses para comprar um. Podia alugar, mas tinha que pagar professora para a filha. Eram duas despesas com que não poderia arcar. (BARRETO, p. 217-218, 2012)

De acordo com BARROS (2014), bordar, falar francês e tocar piano eram instruções que aumentavam o valor da moça no mercado matrimonial. Assim, percebe-se tanto na família de Helena quanto na família de Clara uma preocupação em bem instruir as filhas. O objetivo final dessa criação seria a conquista de um bom casamento e, com isso, ascensão social, já que mesmo em diferentes contextos, ambas eram de origem humilde.

Essa educação, aliada às características físicas de Helena, foram favoráveis a ela, já que facilitaram sua aceitação no seio da nova família, que por

sua vez, permitiu-lhe ascender socialmente sem a necessidade de um casamento:

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. (...) Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, - não humilde, mas digna, - conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis. (ASSIS, p. 24).

Para SCHWARZ (2012), ao aceitar a nova condição, Helena revela passividade, já que apenas obedece às ordens do pai, e se luta é para se fazer aceita e digna de seus novos parentes. Porém, mesmo não sendo essa a sua finalidade, é dada a Helena a oportunidade da mobilidade social, uma realidade com a qual Clara nem sonhava, apesar de sua educação esmerada. Em nota de rodapé, Scwarcz e Silva Neto (2012) apontam que "A educação não era vista por Lima Barreto como fator de elevação e inserção imediata nas melhores posições de hierarquia social." (p.270). Assim, em vez de favorecer uma mudança de condição social, o zelo para com Clara fez com que ela não tivesse uma consciência de cor, deixando-a suscetível a sujeitos como Cassi Jones.

Tal consciência começa a se desenhar quando ela cede às investidas de Cassi Jones que foge para São Paulo após engravidá-la. Clara sentia-se desolada e desamparada, sabia que ninguém se compadeceria de sua tragédia, pensou em aborto ou suicídio, mas recorreu à viúva Dona Margarida, que a fez confessar a história à mãe e, posteriormente, acompanhou-a à casa de Cassi para que a família dele tomasse providência. Ao reconstruir mentalmente o caminho que a levava até a sua "desgraça", Clara percebe sua ingenuidade e se dá conta de quanto sua situação social a fazia inferior aos olhos dos outros. Essa discriminação é evidenciada quando, ao pedir auxílio à mãe de Cassi Jones, essa culpabiliza a jovem pelo ocorrido e se sente profundamente insultada por ter uma "negra" exigindo casamento com o seu filho:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. (BARRETO, 2012, p. 294)

Na situação social de Clara, ela não tinha amparo algum, ao contrário de Helena, que não poderia ser tida como desonesta, já que seu nome constava no testamento, portanto, era protegida pela lei. Entretanto, Helena não queria essa proteção, queria apenas ser aceita e convencer a opinião familiar e popular de sua honestidade.

Diferente de Helena, que deixou-se morrer a fim de preservar sua imagem e estima, Clara tratou de buscar auxílio e pensar em saídas, ainda que tenha concluído que não conseguiria escapar do seu destino marginalizado. Nesse sentido, pode-se dizer que Clara assume uma postura muito mais corajosa do que a de Helena, que não enfrenta a sociedade, isso porque, na situação de Clara dos Anjos, já não havia mais imagem a zelar.

4. CONCLUSÕES

Tanto em *Helena* quanto em *Clara dos Anjos*, a narrativa assume um papel de denúncia. Entre outros aspectos, a primeira trata da crueldade de uma sociedade em que a opinião pública prevalece em relação às vontades individuais. A segunda explicita o racismo, a situação da mulher e a exploração sexual da mulher negra, culminando com o autor incentivando o estabelecimento de uma autonomia entre mulheres negras e mulatas.

Embora critique o lugar social imposto à mulher, Lima Barreto não questiona o fato de a mulher branca ser educada para a vida doméstica, mas sabe que essa mesma educação não se aplica às mulheres negras, mulatas e periféricas; essas, deveriam aprender, sobretudo, a ser fortes e conscientes de sua realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M. **Helena**. - 2ª ed. São Paulo: Ática, [19?]

BARRETO, L. **Clara dos Anjos**. 1ª ed. - São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012

BARROS, S. Autoria Feminina: romantismo na contemporaneidade? **Terra roxa e outras terras**, Londrina, vol. 27, n.1, p. 17 – 26, dez. 2014. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol27/TR27b.pdf Acesso em 30 jun 2016

CANDIDO, A.; CASTELLO, A.J. **Presença da literatura brasileira**: das origens ao romantismo. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966. Vol. 1

MACHADO, A. Reflexões acerca da estereotipia da mulher negra no imaginário social. 08 jan 2016. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2016/01/08/reflexoes-acerca-da-estereotipia-da-mulher-negra-no-imaginario-social/> Acesso em 30 jun 2016.

SCHWARCZ, L. M.; GALDINO, P. Nota de Rodapé 270, p. 219. In: BARRETO, L. **Clara dos Anjos**. 1ª ed. - São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, p. 270

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e o processo social nos inícios do romance brasileiro. 06ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012